

CENTRO CIENTÍFICO CULTURAL BRASILEIRO DE FISIOTERAPIA  
MARIA DA CONCEIÇÃO DOS SANTOS MELO  
MARIA CRISTINA CEPAS LOBO

A PRÁTICA DA ACUPUNTURA NO PROCESSO CONSTRUTIVO DA  
IDENTIDADE  
UM ESTUDO INICIAL

SÃO PAULO  
2011

MARIA DA CONCEIÇÃO DOS SANTOS MELO  
MARIA CRISTINA CEPAS LOBO  
CURSO DE ACUPUNTURA

A PRÁTICA DA ACUPUNTURA NO PROCESSO CONSTRUTIVO DA  
IDENTIDADE  
UM ESTUDO INICIAL

Trabalho de Conclusão de Curso  
apresentado ao Centro Científico Cultural  
Brasileiro de Fisioterapia, como exigência  
parcial para obtenção do Título de  
Especialização em Acupuntura.  
Orientadora: Prof<sup>a</sup> Marlene Ceballos

SÃO PAULO  
2011

#### **Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)**

Melo, Maria da Conceição dos Santos

A Prática da Acupuntura no Processo Construtivo da Identidade - um estudo inicial / Maria da Conceição dos Santos Melo, Maria Cristina Cepas Lobo. -- São Paulo: 2011.

45f ; il. ; 30 cm.

Trabalho de Conclusão de Curso (Pós graduação) – Centro Científico Cultural Brasileiro de Fisioterapia (CBF) / Curso de Especialização em Acupuntura; São Paulo: 2011.

Orientadora: Prof<sup>a</sup> Marlene Ceballos

1. Acupuntura 2. Construção da Identidade 3. Prática Terapêutica  
4. Medicina Tradicional Chinesa I. Título

MARIA DA CONCEIÇÃO DOS SANTOS MELO  
MARIA CRISTINA CEPAS LOBO

A PRÁTICA DA ACUPUNTURA NO PROCESSO CONSTRUTIVO DA IDENTIDADE  
UM ESTUDO INICIAL

MONOGRAFIA APRESENTADA ÀO CENTRO CIENTÍFICO CULTURAL  
BRASILEIRO DE FISIOTERAPIA COMO EXIGENCIA DO CURSO DE  
ESPECIALIZAÇÃO DE ACUPUNTURA

Presidente:

Nome: \_\_\_\_\_

Titulação: \_\_\_\_\_

Instituição: \_\_\_\_\_

Assinatura: \_\_\_\_\_

Orientadora: Marlene Ceballos

Titulação: Fisioterapeuta e Profª Especialista em Acupuntura

Instituição: \_\_\_\_\_

Assinatura: \_\_\_\_\_

NOTA FINAL: \_\_\_\_\_

Biblioteca

Bibliotecario:

Assinatura: \_\_\_\_\_ Data: \_\_\_\_ / \_\_\_\_ / \_\_\_\_

São Paulo, \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de 2011.

---

## RESUMO

Melo, MCS, Lobo, MCC. **A prática da acupuntura no processo construtivo da identidade – um estudo inicial.** 2011. 45f. Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) – Centro Científico Cultural Brasileiro de Fisioterapia (CBF), São Paulo, 2011.

Este trabalho realizou um estudo inicial sobre a efetividade da prática da acupuntura frente ao processo de construção da identidade de adultos, com idades compreendidas entre 40 e 55 anos, usuários do ambulatório de acupuntura das escolas CBF e Ceata, na região de Pinheiros, bem como atendidos em consultórios particulares há pelo menos um ano. Utilizou-se a conceituação de construção de identidade como um fenômeno relacional, dinâmico, energético e dialético, além de conceitos que subsidiam a prática terapêutica da acupuntura e que são a base teórica, científica e filosófica da Medicina Chinesa. Buscou-se demonstrar que a ação da acupuntura enquanto processo de tratamento torna-se continente para o processo construtivo da identidade, pois atinge e atua em todos os níveis do organismo humano: mental/físico e espiritual (consciência), apesar de sua ação ser no âmbito energético. Como metodologia, fez-se uso da pesquisa empírica por amostragem (seis adultos) através de entrevistas em abril de 2011. Com as análises das entrevistas, percebeu-se a significância positiva da ação da acupuntura na evolução do bem estar físico dos entrevistados, no processo de alteração do estado de tomada de consciência e/ou na criação de um elo com seu mundo interno. Todos esses processos percebidos são, em última análise, a transformação da identidade ou como Ciampa denomina: Metamorfose, mesmo que para alguns essa percepção seja muito sutil e para outros muito mais significativa e mais profunda.

Palavras-chave: Acupuntura. Construção da Identidade. Prática Terapêutica. Medicina Tradicional Chinesa.

## ABSTRACT

Melo, MCS, Lobo, MCC. **The practice of acupuncture in the constructive process of identity – an inicial study.** 2011. 45f. Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) – Centro Científico Cultural Brasileiro de Fisioterapia (CBF), São Paulo, 2011.

This work conducted an initial study on the effectiveness of acupuncture practice for the process of identity construction of adults, these ones between 40 and 55 years, and followed as outpatient for at least one year in the acupuncture ambulatory from CBF and Ceata schools, in the Pinheiros area, or in private offices as well. It was used the concept of identity construction as a relational, dynamic, energetic and dialectic phenomenon, in addition to concepts that underlie the practice of acupuncture therapy and which are the theoretical, scientific and philosophical base of Chinese medicine. It was sought to demonstrate that the action of acupuncture as a treatment process becomes the base for the constructive process of identity, because it reaches and works at all levels of the human body: mental/physical and spiritual (consciousness), although its action is in the energy sector. Methodology: it was made an empirical research by sampling (6 adults) performing interviews in April 2011. Analyzing the interviews, it was realized the significance of the positive action of acupuncture in the evolution of physical well-being of the interviewees in the process of changing the state of awareness and/or creating a link with their inner world. All these realized processes are ultimately the transformation of identity or as called by Ciampa: Metamorphosis, even though to some ones this perception is very subtle and to others, much more significant and deeper.

Key-words: Acupuncture. Identity Construction. Therapeutical Practice. Chinese Traditional Medicine.

# SUMÁRIO

<b>1</b>	<b>INTRODUÇÃO</b>	<b>6</b>
<b>2</b>	<b>CAPÍTULO 1: CONCEPÇÃO DE HOMEM SEGUNDO A VISÃO DA MEDICINA CHINESA</b>	<b>11</b>
<b>3</b>	<b>CAPÍTULO 2: OS ALICERCES DA MEDICINA CHINESA</b>	<b>13</b>
3.1	CHI	13
3.2	YIN e YANG	15
3.3	OS CINCO ELEMENTOS	17
3.3.1	Ciclo de Geração ou Ciclo Shen	19
3.3.2	Ciclo de Dominância ou Ciclo Ke	20
<b>4</b>	<b>CAPÍTULO 3: ACUPUNTURA – TÉCNICA TERAPÊUTICA MILENAR DA MEDICINA CHINESA</b>	<b>22</b>
4.1	PONTOS SHU ANTIGOS	24
<b>5</b>	<b>CAPÍTULO 4: SHEN COMO CONCEITO DE IDENTIDADE</b>	<b>27</b>
<b>6</b>	<b>CAPÍTULO 5: CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE</b>	<b>32</b>
<b>7</b>	<b>CAPÍTULO 6: PERCEPÇÕES, REFLEXÕES E ANÁLISE</b>	<b>37</b>
<b>8</b>	<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b>	<b>42</b>
	<b>REFERÊNCIAS</b>	<b>45</b>

# 1 INTRODUÇÃO

Vivemos em uma sociedade capitalista e somos avassalados por ela. O “Ser” não tem espaço e não é estimulado a aflorar, somente o “Ter” é valorizado.

O capitalismo é uma estrutura perversa que promove muita pobreza para muitos e muita riqueza para poucos. É uma estrutura que escraviza e que vai criando, através das necessidades que ela impõe, um embotamento dos sentimentos e da percepção de si mesmo como alguém que tem uma essência que o define e não, simplesmente, um personagem ou representação de si mesmo. Esta sociedade transforma o relacionamento entre os indivíduos, que ficam cada vez mais distantes de si, do seu interior e das necessidades básicas do ser humano: afeto, amor, aconchego, proteção e de sentir-se parte de algo mais essencial do que simplesmente uma peça de uma máquina que precisa estar sempre funcionando, não importando a que preço.

A nossa ligação com nós mesmos e com a Natureza e a nossa capacidade de nos percebermos vai se distanciando dia a dia e nos transformando em seres humanos muito distantes daqueles que foram criados a partir de um momento de explosão energética entre nossos pais. A naturalidade, a espontaneidade e a nossa essência, espírito/mente/corpo, vão sendo suplantadas por meras ações de personagens que representamos. Em geral, não sabemos definir quem de fato somos. Quem é o nosso real “EU”. O mergulho no nosso interior e a subida à superfície, trazendo algo transformado, mal são percebidos por nós mesmos e, às vezes, pelos outros. A identidade vai se construindo e se transformando no decorrer de nossa vida; ela sofre as influências do meio em que vivemos, e, neste sentido, o Ocidental, por buscar sua identidade fora, acaba se distanciando de sua essência e se transformando em alguém que a cultura e a sociedade definem que deve ser.

A mente humana está cada dia mais prodigiosa, novos conhecimentos, novas descobertas, produção e desenvolvimento de tecnologias mais e mais sofisticadas, mas o emocional, o sutil, o rarefeito e a emoção estão se tornando distantes. As relações estão mais fragilizadas e banalizadas. As pessoas têm mais medo e confiam menos no outro. O ser humano se utiliza de carapaças para se proteger e, com isso, vai se afastando de si mesmo, isolando-se e se desequilibrando orgânica e mentalmente. A relação com a Natureza é predatória. A mente está turva, o



espírito está desalojado e o corpo está padecendo. O desequilíbrio das energias que circulam pelo nosso corpo/mente/espírito está se mostrando a cada dia mais constante nas atitudes do ser humano. A exacerbação da agressividade, da violência física e mental, o isolamento, o pânico, os processos depressivos... são constantes e reais.

No conceito da Medicina Chinesa, a energia Yang e a energia Yin estão muito desequilibradas. O Shen está perdendo sua morada e sua base. Os ciclos da Natureza estão se alterando, a harmonia está se desfazendo e o homem, como elemento dela, poderá perecer.

Refletindo sobre esse contexto social e sobre a forma como nós estamos conduzindo nossa vida, nossa relação com o Universo e com o nosso próprio processo de construção, percebemos que com o aprendizado e a prática obtidos nesses dois anos e meio durante o Curso de Acupuntura (conceitos da Medicina Tradicional Chinesa, os cinco espíritos, etc...), cientes de que a construção da identidade é um processo dinâmico e a partir tanto das nossas próprias experiências profissionais e pessoais quanto de uma visão de mundo, agora, mais abrangente, é que buscamos desenvolver o tema sobre a efetividade da prática da acupuntura no processo construtivo da identidade. Trabalhamos com adultos com idades compreendidas entre 40 e 55 anos, atendidos por profissionais acupunturistas particulares, além de usuários atendidos no Ambulatório de Acupuntura, localizado na Rua João Moura, Pinheiros. Utilizamos como método de pesquisa empírico, uma pequena amostragem de entrevistas com essas pessoas acima citadas.

No decorrer deste trabalho, o capítulo 1 aponta a diferença de concepção de homem e de mundo entre orientais e ocidentais, utilizando os conceitos da Medicina Chinesa como parâmetros. Pontua a concepção de Tao, a visão de deuses e demônios que dominava a Medicina Chinesa em épocas milenares e os avanços filosóficos e medicinais que hoje coadunam a tradição e a modernidade no entendimento das causas das doenças e do seu tratamento.

No capítulo 2, buscamos discorrer um pouco sobre os conceitos que são os alicerces para o entendimento do ser humano, sua constituição e seu dinamismo. Conceitos fundamentais como a teoria sobre as energias Yin e Yang a partir de uma divisão e unicidade do Tao, O conceito de Chi como a energia vital que percorre todo o nosso corpo/mente/espírito, a energia Jing do rim, onde estão nossas reservas essenciais e ancestrais, e os Cinco Elementos que compõem a cadeia de

construção, relação e dinamicidade da energia do Universo e da Natureza com o elemento Homem.

No capítulo 3, explanamos sobre a acupuntura como técnica terapêutica de tratamento, discorrendo rapidamente sobre alguns dados históricos, tendo em vista que há pouco conteúdo escrito sobre a sua história. Falamos sobre o conceito da técnica da acupuntura, do conceito de meridiano enquanto via de andança do Chi e citamos os pontos mais significativos dentro do processo de tratamento. Sabemos que o tratamento, bem como o número de pontos e de técnicas, é muito mais extenso do que aqui apontamos, mas o nosso objetivo não é discorrer sobre esse assunto e sim demonstrar, ao longo do trabalho, que ela é um instrumento, ou melhor, uma ferramenta eficaz e eficiente não só no que tange a tratar dores e doenças, mas, principalmente, na atuação no processo de desenvolvimento da identidade humana. Discorreremos um pouco mais sobre os pontos Shu Antigos por considerá-los fundamentais na arte de inserir agulhas e na prática e conceito da Medicina Chinesa e pontuamos a diferença entre a técnica de inserir agulhas e a arte de inserir agulhas que o terapeuta deve desenvolver.

No capítulo 4, procuramos mostrar o conceito de Shen e, a partir deste, a conceituação dos espíritos, tendo como premissa que eles, em termos energéticos, são os construtores da nossa identidade. A partir das funções de cada espírito e de todos em um único que é o Shen, entendemos a importância da essência (energia) rarefeita do nosso ser e como ela vai se transformando também em matéria sólida. Esses conceitos filosóficos, que são a base para a visão de homem no oriente, são fundamentais para percebermos a complexidade do ser humano, mas também a sua simplicidade, e com isso subvertermos o nosso conceito ocidental de visão de mundo e de homem. No entanto, não queremos dizer com isso que o conhecimento e prática da medicina ocidental devam ser descartados, mas sim que devemos desenvolver a sensibilidade e a nossa inteligência para ampliarmos nossos horizontes e conceitos, na maioria das vezes, cristalizados e lineares, e usarmos, a partir desse conceito simbólico e prático da Medicina Tradicional Chinesa, toda a tecnologia e conhecimento que temos a favor do desenvolvimento e saúde do ser humano e da Natureza.

O capítulo 5 expõe os fundamentos teóricos dos autores nos quais nos subsidiamos: Ciampa, Moreno e Rojas-Bermudez, além de nossas considerações.

Nesse capítulo, apresentamos o conceito de construção de identidade como um processo dinâmico, a partir de conceitos filosóficos e psicológicos dos autores.

Segundo Ciampa (2007), a construção da identidade exhibe várias dimensões vivenciais e concretas e a possibilidade da permanência estática num determinado momento, ou personagem, ou o avanço dessa construção a partir das condições que o indivíduo tiver, tanto no âmbito interno como no âmbito externo, ou do meio em que vive.

Entendemos como condições necessárias a possibilidade do sujeito refletir sobre sua existência e sua essência, sobre a sua história e trajetória de vida, sobre as possibilidades de viver numa sociedade capitalista, mas não ser imobilizado por ela ou por si mesmo, e ir em busca de instrumentos dentro de si para superar as dificuldades e encontrar seu espaço enquanto humano, podendo vivenciar sua igualdade e sua diferença sem , no entanto, transformar-se num ser adaptado, moldado e robotizado pelas definições e expectativas de papéis e condutas predeterminadas pela sociedade. Importante também é buscar dentro de si sua essência enquanto um elemento da Natureza e estreitar relações com seus espíritos, alterando, assim, o seu “estar no Mundo”. Sabemos também que as relações com o meio são fundamentais na construção da identidade. A percepção de si como sujeito, a posição social que ocupa e sua família, o ser membro de uma espécie, a espécie humana, o local onde vive e as condições socioeconômicas, as relações de poder que determinam sua condição de dominador ou dominado, as perspectivas e as expectativas de futuro, se não houver um equilíbrio interno, irão determinar que sujeito é e que vida elegerá ou poderá viver.

Para que a identidade seja metamorfose e, portanto, seja vida, é necessário que o indivíduo seja capaz de desenvolver um processo de construção de representação de si mesmo, através da criação de personagens que criam relação entre o seu Eu, seus outros Eus e o meio social em que vive e atua. O ser humano para existir precisa ser ato, ser Vida.

Segundo Moreno (1983), o homem já nasce dotado de criatividade, espontaneidade e sensibilidade que não são acompanhadas por tendências destrutivas, mas que podem ser perturbadas por sistemas constrangedores.

Se transpusermos esse conceito para a atualidade, podemos considerar que a estrutura social é um deformador da natureza humana intrínseca.

Segundo Rojas-Bermudez (1980), a partir da constituição inicial do Eu, cria-se como que uma membrana protetora, o si mesmo, e então passamos a atuar a partir de papéis sociais que são prolongamentos desse Eu e que vão se constituir através de papéis complementares.

O capítulo 6 expõe a análise das entrevistas realizadas, análise subsidiada nos conceitos expressos nos capítulos 4 e 5.

As considerações finais contemplam a análise do tema proposto, além de mostrar a complementaridade, a inter-relação e a unicidade dos conceitos chineses e psicológicos ocidentais sobre o processo construtivo da identidade. Contêm algumas reflexões pessoais, considerando que este trabalho é um estudo inicial e pretende despertar e aprofundar a nossa reflexão como profissionais acupunturistas, tendo como base a visão conceitual da Medicina Chinesa e a nossa prática de fato. Mostram também a necessidade de nos questionarmos frente a nossa ação com as pessoas que nos procuram e percebermos, efetivamente, o que elas vão buscar e o que podemos ou queremos oferecer como tratamento, e ainda o nosso desejo e empenho em nos desenvolvermos internamente para estarmos em equilíbrio e sintonia com nossos espíritos e a nossa sensibilidade como humanos e profissionais.

## **2 Capítulo 1 – CONCEPÇÃO DE HOMEM SEGUNDO A VISÃO DA MEDICINA CHINESA**

Para que possamos entender o processo de tratamento utilizado pela medicina chinesa, temos que apreender sua visão de mundo e de ser humano. Diferentemente do ocidental, o oriental concebe o ser humano como um elemento pertencente à Natureza, uma estrutura integral que sofre as influências naturais, através das suas estações e ações energéticas. É um ser concebido como um sistema único, integral, ou seja: corpo, mente e alma compõem um todo, e esse todo sofre ações externas que desequilibram o interno.

O oriental pensa simbolicamente, de forma circular e abrangente; não limita sua ação ou seu pensamento simplesmente à lógica. Busca a compreensão dos mundos interno e externo e sua correlação e interação.

O pensamento simbólico é capaz de ampliar nossos limites e tocar o infinito, criando, assim, uma amplitude na prática cotidiana nos mais variados aspectos e direções, enquanto que somente o pensamento lógico, muitas vezes, atrofia o nosso olhar e a nossa prática.

A Medicina Ocidental concebe o ser humano como um sistema orgânico completo (físico e mental), mas atua tendo como foco central o fracionamento do mesmo. Busca aperfeiçoamento e profundidade, através das partes, das especializações, perdendo, quase sempre, o foco da integralidade e harmonia do todo. Em contrapartida, a Medicina Chinesa atua sempre no todo, e o reequilíbrio e a harmonização deste atuarão na diversidade de sistemas do nosso organismo.

A Filosofia e a Medicina Chinesa, através da observação das manifestações dos fenômenos do Universo (Chi do Céu e Chi da Terra) e sua inter-relação com os seres humanos, consideraram que a união dessas energias originou a energia do ser humano.

A prática da Medicina Chinesa e seus conceitos são milenares; remetem-se a eras antes de Cristo. Através dos séculos e de suas dinastias, a prática médica foi se aprimorando, tornando-se mais embasada filosófica e cientificamente. A documentação dessa prática e seus alicerces filosóficos começaram a ser desenvolvidos na era da Dinastia “Zhou”, que permaneceu de 1207 a.C. a 221 a.C. Anteriormente a esse período histórico, a concepção de doença tinha um cunho

demoníaco. As doenças ou suas manifestações eram atribuídas a entidades perversas da Natureza e, portanto, somente ações míticas conseguiriam aplacar a fúria dos demônios e trazer a saúde de volta à pessoa.

Sem cindir definitivamente com as práticas e conceitos tradicionais, buscando cada vez mais o embasamento filosófico e científico, a Medicina Chinesa se alicerça em três grandes pilares: Taoísmo, Budismo e Confucionismo. Eles passam a embasar a noção de que o próprio homem é o responsável pela sua saúde. Suas ações é que vão determinar a qualidade de sua vida e das doenças que delas advierem. A Medicina Chinesa une a tradição à modernidade, a prática física para o bem estar do corpo à prática da meditação, buscando a preservação da saúde e o equilíbrio geral das energias positivas do organismo.

O Tao produz e completa os 10000 seres. Não é nada além da troca entre o yin e o yang e a luminosa radiação dos espíritos (Shen Ming). Para estar vivo, o ser humano precisa da combinação do yin e do yang qi, a união das Essências (Jing) do pai e da mãe. As duas Essências se combinam; a forma física e os espíritos são, portanto, completados, unindo o qi do Céu e da Terra e gerando a Humanidade (LARRE E ROCHAT DE LA VALLÉE, 1995).

## 3 Capítulo 2 - OS ALICERCES DA MEDICINA CHINESA

**“O homem é o resultado do Qi do céu e do Qi da terra. A União do Qi do céu e do Qi da terra é chamada de Ser Humano”** (MACIOCIA, 2007, p.36, cita o livro Questões Simples, (Su Wen), cap. 25).

**“Qi é a raiz do Ser Humano”** (MACIOCIA, 2007, p.36, cita o livro Clássico das Dificuldades (Nan Jing).

A Medicina Chinesa entende que a função do corpo e da mente é o resultado da interação de determinadas substâncias vitais. Elas se manifestam em vários níveis de substancialidades, podendo ser mais materiais e/ou mais rarefeitas.

- Chi (Energia Vital)
- Jing (Essência)
- Xue (Sangue)
- Jing Ye (Flúidos Corpóreos)
- Shen (Mente/Espírito)

Na Filosofia e Medicina Chinesa, o corpo e a mente não são vistos como um mecanismo, mesmo sendo complexo, mas sim como uma fonte ou centro de Chi (energia) em suas várias manifestações, interagindo entre si para formar um organismo. O corpo e a mente são entendidos como formas dessa energia, e todas as demais substâncias são também manifestações desta, porém em variados graus de materialidade e imaterialidade, como por exemplo: a materialidade dos líquidos ou flúidos corpóreos e a total imaterialidade da mente ou psiquismo.

### 3.1 Chi

Chi é uma energia que se manifesta simultaneamente sobre o físico e o espírito. É um estado constante de fluxos em estados variáveis de agregação. Quanto mais condensado, mais se transforma e se acumula em forma física. Ele é a união do concreto ou sólido com o não sólido (gelo e vapor). Chi é a base para as manifestações infinitas da vida do Universo (reinos: mineral, vegetal e animal, e dentro deste encontra-se o Homem).

Zhang Zai (1020-1077 d.C.) foi o filósofo que mais ampliou o conceito de Chi. Ele concebeu que o Grande Vazio não era um mero vazio, mas sim Chi em seu estado contínuo. Afirmou que a agregação extrema do Chi originou a forma real, ou seja, substância material ou Xing.

Xun Kuan (c.313-238 a.C.) disse: “Água e Fogo têm Chi, mas não têm vida; plantas e árvores têm vida, mas não o conhecimento; pássaros e animais possuem conhecimento, mas não têm idéia do que é correto”.

O filósofo Taoista Lie Zi (300 a.C.) aponta que: “Os mais puros e os (elementos) mais leves tendem a subir, como o céu; os (elementos) mais grosseiros e mais pesados tendem a descer, como a terra”.

O Chi é a energia que circula nos meridianos (caminhos da energia), é a chama da vida. Ele está dentro e fora de nós. É uma energia circulante que está no meio ambiente e entre as pessoas, portanto, esta visão insere o indivíduo como parte do sistema e do meio em que vive, fazendo com que seja marcado pelo meio ambiente e o marque. O Chi proporciona a formação da estrutura psíquica, por ser o homem o resultado de “impressões energéticas” ao longo da vida (amor, vazio, atenção, etc...). Circula sempre em duas direções: é partícula e é onda; é psique e é soma; causa doenças e adocece; propicia a cura e se reequilibra sozinho.

O Chi divide-se em vários tipos de energia, sendo Jing a principal.

**Jing: energia essencial.** É como um fluido derivado de um processo de refinamento ou destilação, extraído de uma base mais dura. Ela transforma-se lenta e gradualmente no decorrer da vida. É uma energia muito importante para a vida; deve ser cuidada e guardada como um bem muito precioso. Devemos cuidar dela com muito afeto, carinho e desvelo.

Essa energia se subdivide em duas partes:

- Jing pré-celestial: energia inata (energia ancestral);
- Jing pós-celestial: energia do “Céu Posterior” (energia do ar e dos alimentos).

A partir das energias pré-celestial e pós-celestial há a criação da energia essencial do Rim. Essa energia é como a “Seiva da Vida”; ela é responsável pelo desenvolvimento geral do organismo, reprodução, concepção, maturação sexual e envelhecimento. Essa energia é gasta ao longo da vida. A Medicina Chinesa a compara à chama de uma vela que se mantém acesa e vai ao longo do tempo sendo consumida lentamente. Esta energia é fundamental na qualidade da saúde da



pessoa e deve ser preservada ao máximo através do equilíbrio no viver (horas de trabalho, alimentação, descanso, etc...). A energia essencial do Rim é a base para os “Três Tesouros”- Jing (energia essencial), Chi (energia vital) e Shen (Mente/Espírito).

Como a energia Chi circula por todo o corpo físico e mental, ela se movimenta e se distribui atuando em diversas funções de proteção e combate a doenças, buscando manter a homeostase do organismo.

- Função de transformação (alimentos e fluidos em partes pura (Yang) e impura (Yin));
- Função de transporte (transporta as várias substâncias que foram transformadas para dentro e fora das várias estruturas do corpo);
- Função de manutenção (manutenção dos fluidos e sangue dentro dos seus lugares);
- Função de subida (assegura que as estruturas do corpo sejam mantidas em seus próprios lugares);
- Função de proteção (proteção da invasão de fatores patogênicos externos);
- Função de aquecimento (papel essencial ao organismo, pois todos os processos fisiológicos precisam de calor). Mantém a Vida.

### 3.2 Yin e Yang

Quando pensamos no conceito de Yin e Yang, imediatamente devemos nos reportar ao conhecimento da filosofia Taoista, fundada por Lao Zi. Este mestre/filósofo concebeu como conceito fundamental de sua teoria o conceito de **Tao**; ele é mais apreendido intuitivamente do que cientificamente, e podemos entendê-lo como sendo o **Caminho**. O sentido do viver, o estilo de vida. Ele é o caminho físico e espiritual, é a totalidade, é o caminho da espontaneidade/naturalidade de todas as coisas. É o Absoluto que, por divisão, gerou o Yin e o Yang e a partir dessa divisão ocorreu a existência de todas as coisas no Universo.

Em termos históricos, vamos encontrar referência sobre o Yin e o Yang no Livro das Mutações (Yi Jing) datado de 700 a.C. Eles têm representação através do

simbolismo dos ideogramas, de linhas contínuas e linhas interrompidas. A combinação dessas linhas em pares forma diagramas, a adição de mais uma linha a estes, com combinação variada, forma trigramas, e as várias combinações dos trigramas formam os hexagramas. A filosofia chinesa acredita que esses símbolos simbolizem todos os fenômenos possíveis do Universo e, portanto, mostram como todos os fenômenos dependem de dois polos energéticos: Yin e Yang.

Os conceitos de Yin e Yang são considerados fundamentais para a teoria da Medicina Chinesa, e, juntamente com o conceito de Chi, vêm baseando e permeando a filosofia há séculos, diferenciando-se de qualquer conceito ocidental. Para a filosofia chinesa, Yin e Yang significam movimentos/qualidades opostas, porém totalmente complementares. Um contém o outro, e a semente de um encontra-se no seio do corpo do outro. A energia Yin contém a energia Yang e vice-versa. Um não pode existir sem o outro. Um consome o outro e vice-versa (fogo e lenha). Para o oriental, o Yang significa e está associado ao movimento, o Yin à tranquilidade. O Yin e o Yang vêm definir a diferenciação; sem essas duas energias simplesmente não haveria a diversidade. Mas elas existem num ciclo dinâmico e vivo.

O Yin e o Yang se complementam e se opõem como o Sol e a Lua; o Dia e a Noite; o Céu e a Terra; a Vida e a Morte. Portanto, geram um movimento cíclico, sendo assim uma expressão da dualidade do tempo. Eles podem ser considerados dois estágios no processo de mudança e transformação de tudo no Universo quando pensamos em diferentes estágios de densidade da matéria.

A polaridade de opostos e a sua complementaridade transformam-nos na força motriz de toda a vida no Universo. A Vida não pode viver sem um e sem o outro. De forma dinâmica ocorrem a interação, a complementação e a oposição. A vida não se dá de forma estática; o corpo e a mente do indivíduo existem porque estão em movimento energético, as relações são dinâmicas e dependem das pessoas, ninguém existe sozinho. Para existir, o ser humano precisa de uma condição de movimento e aconchego; no movimento existe a calma e no aconchego existe o movimento (espermatozóide (Yang) e útero (Yin)). Na Natureza ocorre o mesmo: tudo se complementa, interage e se opõe. Nisto está a beleza do existir, seja Natureza ou Homem. Ambos precisam de cuidados, de carinho, de ação e de descanso. Um pertence, contém e está contido de uma certa forma no outro. A espontaneidade do Universo demonstra isso. O processo criativo deriva desses

movimentos, mas tudo depende do processo de equilíbrio e de haver as condições que favoreçam a criação de algo. Muitas vezes, mesmo em condições adversas, encontra-se o movimento ideal para reverter uma situação e transformá-la em possível. A dinamicidade dessas energias é o que provoca a possibilidade da harmonização do todo. Se um preponderar sobre o outro haverá o desequilíbrio.

Não há duas coisas sob o Céu que não tenham a relação mútua do “self” e do “outro”. Ambos, o “self” e o “outro”, igualmente desejam agir para si, desse modo opondo um ao outro tão fortemente quanto Leste e Oeste. Por outro lado, o “self” e o “outro” têm ao mesmo tempo a relação mútua de lábios e dentes... então, a ação do “outro” em seu próprio lado ajuda, ao mesmo tempo, o “self”. Assim, reciprocamente contrários, eles são incapazes de negação mútua (MACIOCIA, 2007, p.3, cita no Chuang Zi).

### **3.3 Os Cinco Elementos**

Os Cinco Elementos é um conceito da Filosofia e Medicina Chinesas que representa simbolicamente cinco elementos que contêm movimentos energéticos diferenciados, porém dinâmicos. Eles representam as qualidades fundamentais de toda a matéria existente no Universo. Cada elemento simboliza uma fase de um processo de transformação contínua, cíclica, e tem uma Natureza específica, ou seja, sua própria qualidade de Chi. Os Cinco Elementos relacionam-se simbolicamente aos Elementos da Natureza: Madeira, Terra, Fogo, Metal e Água. Cada um deles está diretamente relacionado a um órgão e a uma víscera, desempenha um papel diferente e tem uma expressão específica. A inter-relação entre órgãos/vísceras e os elementos expressa muito mais do que simplesmente os efeitos físicos da energia, mas, principalmente, suas funções na mente e no espírito. Podem ser considerados como qualidades da Natureza e todos estão interligados, gerando uma cadeia que é responsável pela geração e transformação da Vida na Terra.

Água é a qualidade da Natureza que descrevemos como saturada e descendente. Fogo é a qualidade que descrevemos como ardente e com tendência a ascender. Madeira é a qualidade que permite superfícies curvas ou margens retas. Metal é a qualidade que consegue seguir a forma de um molde e, então, se torna dura. Terra é a qualidade que permite o plantio, o crescimento e a colheita (HICKS; HICKS; MOLE, 2007, p.5, citam Shu Ching, séc.IV a.C. citado em Needham, 1956, p.243).

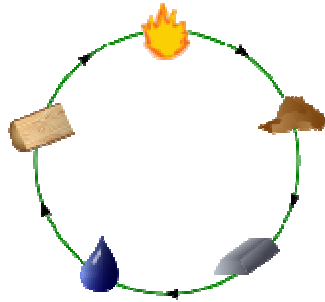


Figura1 – Os cinco elementos

Para a Medicina Chinesa, o conceito de Cinco Elementos é uma forma de se correlacionar a energia cósmica com a Natureza, uma vez que eles servem, substancialmente, para se compreender a contínua e inevitável sucessão das estações.

Os Cinco Elementos não ficam submetidos apenas aos elementos da Natureza; ampliam-se no seu conceito, abarcando outras qualidades tais como: sabores, cores, as estações climáticas e o clima, direções, números, planetas, animais, órgãos e vísceras, tecidos, sons, etc. Relacionam-se às funções psíquicas do organismo, bem como às funções do corpo. Afetam as pessoas, portanto caberá ao acupunturista desenvolver a habilidade de perceber as várias manifestações desses elementos dentro delas. Em geral, é através da manifestação das emoções humanas que é possível perceber a qualidade do Chi existente em cada elemento.

Essa teoria concebe sua atuação a partir de parâmetros cíclicos, ou seja: cada elemento se inter-relaciona e interdepende do outro. Todos os cinco elementos existem e têm seu dinamismo dentro de cada um deles, criando uma cadeia de geração e dominância. Para que haja equilíbrio no Organismo e na Natureza, esses ciclos devem viver e se movimentar em harmonia. Qualquer alteração na sintonia destes, resulta em desequilíbrio e, provavelmente, em doença ou desestruturação do equilíbrio do Chi.

Dentre as relações que se estabelecem, as mais significativas e que vão ser fundamentais para o entendimento das causas ou da raiz dos desequilíbrios de Chi são as estabelecidas através dos Ciclos de Geração ou Nutrição, ciclo Sheng, e de Dominância ou Controle, ciclo Ke.

No mistério da Natureza, nem a promoção de crescimento (Sheng) e nem a de controle (Ke) são dispensáveis. Sem a promoção de crescimento, não haveria desenvolvimento; sem controle, o crescimento excessivo resultaria em prejuízo (LING SHU; LIU, 1988, p.53).

### 3.3.1 Ciclo de Geração ou Ciclo Sheng

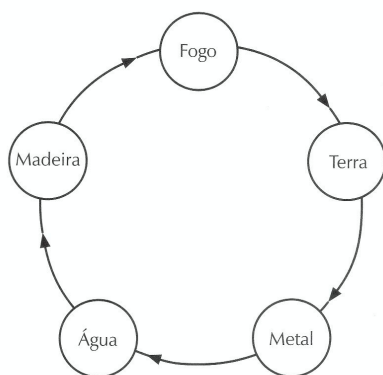


Figura 2 – Ciclo de Geração

Representa o ciclo do tempo, da formação da vida e de novos elementos. Ele demonstra a dualidade dinâmica das relações energéticas, do movimento das energias Yin e Yang e do livre circular da energia Chi. Ao mesmo tempo que o elemento gera, é gerado, alimenta e é alimentado. É mãe e é filho.

O ciclo de geração nos mostra o papel de prover e alimentar e o papel de receber, mas também o movimento dinâmico que se repete: quem hoje recebe, amanhã será o próximo a prover e alimentar. O elemento Água gera o elemento Madeira, que gera o elemento Fogo, que gera o elemento Terra, que gera o elemento Metal, que gera o Elemento Água.

O ciclo Sheng é fundamental, pois pode-se perceber o desequilíbrio de Chi em um elemento e efetuar a sua harmonização, através da ação em outro elemento que se relaciona com ele.

Nesse ciclo não existe a inversão da geração, tudo segue um curso harmônico. A Natureza convive em todo o seu esplendor gerando vida, oferecendo alimento, oxigênio, água e tudo que é necessário para se viver com saúde e harmonia. A energia também tem seu curso perfeito; as atitudes do ser humano é que alteram esse equilíbrio. O ciclo de geração é um ciclo de crescimento e harmonia. “Há uma dependência invariável dos filhos sobre os pais e uma direção

dos pais para os filhos. Assim é o Tao do Céu” (HICKS; HICKS; MOLE, 2007, p.9, citam Tung Chung-shu, 135 a.C., citado em Needham, 1956, p.249).

### 3.3.2 Ciclo de Dominância ou Ciclo Ke

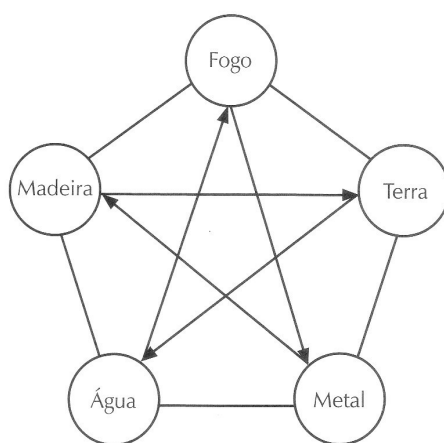


Figura 3 – Ciclo de Dominância

Representa o ciclo do controle, do limite que vem para impedir um crescimento individual dos elementos de forma descontrolada. Ele se estabelece para ser um mecanismo de regulação energética. Esse controle é necessário para que um elemento não venha a agredir o outro. Caso esse controle falhe, a doença e o desequilíbrio surgirão.

Nesse ciclo, podemos pensar em pai, ou avô, que, simbolicamente, representa o impor o limite, e em filho ou neto. Esse ciclo tem o limite como parâmetro para controlar o descontrole, mas age, principalmente, para manter a harmonia e garantir a saúde do organismo. O limite é necessário para a preservação da vida e para que haja crescimento.

Uma vez excessivo, o Chi não apenas age sobre o que deve agir, mas também se contrapõe sobre aquilo que não deveria. Sendo insuficiente, o Chi não só é neutralizado por aquilo que age sobre ele, mas também neutralizado por aquilo sobre o qual deveria agir (HICKS; HICKS; MOLE, 2007, p.10, citam o Tratado sobre as Cinco Fases de Circuito no Su Wen; Liu, 1988, p.56).

Ambos os ciclos são fundamentais na existência, quer da Natureza quer do ser humano, pois são interdependentes e complementares; atuam em funções

diferentes, mas exercem papéis fundamentais no equilíbrio energético do organismo. São mecanismos de autorregulação do homem.

## **4 Capítulo 3 - ACUPUNTURA – TÉCNICA TERAPÊUTICA MILENAR DA MEDICINA CHINESA**

A prática da acupuntura se mistura com o próprio conceito filosófico da Medicina Chinesa. Eles são praticamente indissociáveis. A cultura chinesa tem a mais antiga tradição da linguagem escrita, que data de 3100 a.C.. Isto favoreceu a passagem do conhecimento adquirido pela prática, sem as deturpações que, normalmente, ocorrem quando o conhecimento é transmitido somente de forma oral. A partir da observação dos elementos da Natureza e de achados, ainda na era pré-histórica e idade antiga (animais, plantas, pedras, madeira), o homem chinês descobriu que existiam formas de alívio das dores. Percebeu que os animais aliviavam suas dores ou seus desconfortos através de estímulo, instintivo, em locais de seu corpo. Provavelmente, o homem primitivo exercia essa mesma prática.

Em ruínas chinesas da era pré- histórica, datada de 10000 a 4000 a.C., através de escavação, foram encontradas pedras pontiagudas, às quais deram o nome de “Pedras Bian”. Estas eram utilizadas na China Antiga para tratamento de dores, através de estímulo em pontos do corpo que se encontravam doloridos. Esses pontos foram denominados pontos “Ashi”.

Na era da Dinastia Chinesa Shang, que existiu em 1000 a.C., já se utilizavam agulhas de bronze para estimular esses mesmos pontos. Com a continuidade da prática e da observação dos resultados obtidos nas pessoas e a ação e estudo de filósofos e praticantes da Medicina Chinesa, a acupuntura, aliada a conceitos amplos de bem estar (meditação, alimentação, prática de exercícios físicos), foi ganhando cada vez mais espaço e propiciando o aprofundamento do conhecimento teórico.

A acupuntura expandiu sua ação e conhecimento em outros países do Oriente e foi, cada vez mais, se tornando uma prática efetiva, tendo, em 702 d.C., sido criada no Japão, em Nara, a primeira Escola Médica Imperial, onde era ensinada.

Na China, os pilares filosóficos, Taoísmo, Budismo e Confucionismo, foram se alternando durante os períodos das dinastias e, em cada uma delas, houve avanços e retrocessos em relação ao estudo e prática da acupuntura. Na dinastia Yuan, que data de 1264 a 1368, período em que a China teve domínio dos mongóis liderados por Gengis-Khan, a acupuntura se desenvolveu significativamente, assim como o



estudo do Confucionismo. Em 1341, o médico Hua Shuo publica um texto onde descreve 303 pontos existentes no nosso corpo, pontos relacionados aos já conhecidos e denominados 12 Meridianos, que haviam sido definidos como os caminhos energéticos do organismo e que se relacionavam diretamente, na área fisiológica, com os órgãos e vísceras do corpo, além de 51 pontos em 2 Meridianos Extraordinários.

Através de estudos e da observação da Natureza e seus efeitos sobre o homem, os praticantes de acupuntura foram descobrindo que existiam percursos energéticos no corpo que estavam diretamente ligados aos órgãos internos do organismo; quando apalpados ou estimulados, geravam determinadas reações ou maior sensibilidade em certos locais e, portanto, percebia-se uma transformação, um efeito mais significativo. A esses percursos foram dados os nomes de meridianos.

A partir desse conhecimento, os acupunturistas dividiram o corpo em áreas para melhor tratarem as pessoas e terem um efeito mais efetivo no tratamento. Esses trajetos e seus pontos se inter-relacionam e neles percorrem vários tipos de energia. Quando estimulados, causam alteração no trânsito das energias, reequilibrando-as e aos órgãos correspondentes. Os meridianos não são estruturas estáticas, mas, assim como o conceito de Chi, interagem, se opõem, se complementam. Essas relações são os norteadores para se executar o diagnóstico e tratamento dos desequilíbrios energéticos em todos os âmbitos (emocional, espiritual, mental e físico) do organismo humano.

Desde então, a acupuntura teve seus trajetos delimitados, seu sentido definido, além da definição e conceituação das funções energéticas dos pontos, os chamados acupontos. O trajeto se dava do tronco para as mãos, das mãos para a cabeça, da cabeça para os pés e dos pés para o tronco.

Na época das dinastias, o tratamento dos nobres não podia ser realizado utilizando-se todas as regiões corporais, porque não era permitida a exposição do corpo, principalmente das mulheres da nobreza. O tratamento se dava das mãos até o cotovelo e dos pés até os joelhos; regiões do corpo passíveis de exposição. Esses pontos, onde eram realizadas as estimulações, através da inserção das agulhas, passaram a ser chamados de pontos Shu antigos. Eles levam a concepção de pontos de transporte, ou seja, são pontos que contêm a manifestação energética dos cinco movimentos do corpo. Através deles ocorre a verdadeira comunicação entre o interno e o externo do corpo. Os órgãos e vísceras (Zang Fu) se comunicam

e interagem. Cada trajeto energético ou meridiano está ligado a um órgão e uma víscera, e cada um desses possui uma enormidade de acupontos com funções energéticas definidas. Os pontos Shu antigos são considerados pontos de acupuntura muito importantes no tratamento dada a sua capacidade energética. Como cada um possui uma função específica, os cinco constroem um sistema que concebe os meridianos circulando basicamente nos membros superiores e inferiores de forma bilateral. Eles são simbolicamente comparados aos aspectos da Natureza, à ação de movimento da água e da terra.

O mestre, através da observação do rio, percebeu que o movimento da energia em nosso corpo poderia corresponder a ele. Ele nasce em um local definido, mas não sabe o caminho a trilhar. Só à medida que vai escoando sua água, sua forma começa a se definir e ele passa a tomar uma direção. Quando essa água se junta às águas das chuvas, cria um novo volume e produz áreas de grande quantidade. Às vezes, até ficam represadas, formando lagos. Logo essas áreas transbordam, alargam-se e formam veios que criam novas correntes. Suas bordas vão se definindo, suas águas vão aumentando de volume e se aprofundando até que se encontram com o mar.

#### **4.1 Pontos Shu Antigos**

1º ponto - Thing ou nascente: local onde a energia (Chi) brota e inicia-se o seu trajeto energético, mas ainda se encontra superficial. Pode ocorrer a troca de polaridade energética (Yin/Yang). Ele promove a circulação energética para o corpo todo;

2º ponto - Yong ou manancial: local onde a carga energética é muito forte e se movimenta como um redemoinho de água para que o Chi se expresse. Ele se torna mais rápido;

3º ponto - lu ou riacho: o Chi ganha força e se alarga, unindo-se ao Chi da energia defensiva (Wei Chi). Esse é o ponto de transporte da energia. Em conexão com a energia defensiva, impede a entrada da energia perversa;

4º ponto - King ou rio: nesse ponto a energia Chi se torna mais forte, mais ampla. Através dele, há a condição da energia nutridora, que se encontra nos meridianos, nutrir todas as estruturas do organismo tais como: músculos, tendões,

pele etc... Ele se conecta aos afluentes de outros meridianos e se aprofunda indo em busca do 5º ponto;

5º ponto – Ho: equipara-se ao mar lento, profundo e imenso. Ele penetra o Chi para as profundezas do nosso corpo.

A Acupuntura trabalha utilizando-se dos vários meridianos que percorrem o nosso corpo e seus pontos energéticos. Temos doze meridianos principais, meridianos colaterais; meridianos tendino-musculares; meridianos distintos e meridianos maravilhosos ou vasos maravilhosos.

Os canais unitários que trabalham com as energias de superfície e profundidade se utilizam dos pontos Shu antigos (Yong/lu) para a distribuição da energia.

Há também os canais de conexão ou Pontos Lo. São canais secundários, mas têm sua origem no ponto Lo dos canais principais. Há ainda pontos emergenciais, pontos de Alarme ou pontos Mo; pontos Fonte, onde há uma reserva de energia; pontos Shu dorsais ou de assentimento, que se localizam na parte posterior do organismo e têm como função tratar dores crônicas bem como tratar a área emocional, liberando as emoções e a mente; pontos extras e vários outros que foram sendo descobertos a partir da prática cotidiana da Medicina Chinesa.

Existem regiões do nosso corpo que são consideradas microssistemas, que representam o corpo como um todo e que também podem sofrer a ação da acupuntura:

- Aurículos ou auriculoterapia;
- Quiropuntura (tratamento realizado nas mãos).

A prática da acupuntura busca se utilizar desses pontos e dos microssistemas, após a construção de um diagnóstico em que foram avaliados aspectos de qualidade da energia, os cinco elementos e demais conceitos da Medicina Chinesa, para a efetivação do reequilíbrio da energia geral do organismo, bem como o equilíbrio das energias espirituais. Para tanto, utilizam-se agulhas que são introduzidas nos locais onde se localizam os pontos, buscando a movimentação e a regulação da energia (Chi). Além das agulhas, existem métodos que foram desenvolvidos ao longo dos anos e que têm o mesmo objetivo. Porém, o agulhamento é ainda a prática mais tradicional e a mais utilizada pelos acupunturistas. “Se você quer curar a doença, não há nada tão bom quanto a

agulha! Sua perícia está no mistério do seu funcionamento – nosso trabalho expõe seus princípios sagrados” ( DA CHENG; BERTSCHINGER,1991, p.81).

Esta prática Milenar concebe em seu uso o desenvolvimento tanto da prática como da arte de inserir as agulhas. A primeira exige conhecimento e habilidade técnica (tonificar, sedar, posicionar as agulhas, localizar os pontos, etc...), e a segunda, o desenvolvimento da capacidade do acupunturista de se desenvolver internamente e se conectar com o seu paciente, buscando tratar e curar todos os níveis do organismo: corpo, mente e espírito. As duas habilidades devem compor o profissional acupunturista que deseja manipular agulhas (e/ou os demais instrumentos utilizados pela Medicina Chinesa).

## 5 Capítulo 4 - O SHEN COMO CONCEITO DE IDENTIDADE

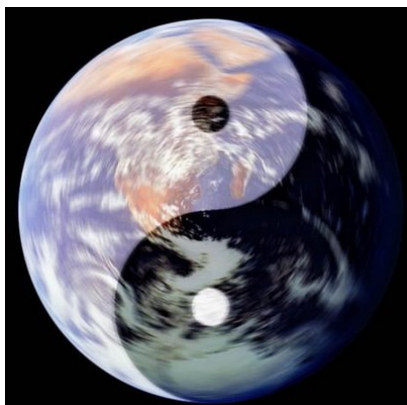


Figura 4 – Tao

**Trinta raios convergem para o meio de uma roda,  
Mas é o buraco em que vai entrar o eixo, o que a torna útil.  
Molda-se o barro para fazer um vaso,  
Mas é o espaço dentro dele que o torna útil.  
Fazem-se portas e janelas para um quarto,  
Mas são os buracos que as tornam úteis.  
Por isso, a vantagem do que está lá assenta exclusivamente na  
utilidade do que não está lá (Tao Te Ching, cap. 11).**

Fazendo um paralelo com o conceito de Identidade apresentado neste trabalho, no Capítulo 5, a Medicina Chinesa nos apresenta o seu conceito, através da definição do que significa o **SHEN** para ela.

A Medicina Chinesa nasceu a partir do conceito filosófico Taoísta. Tao é o caminho, a direção, uma filosofia a ser vivida e seguida, um caminho individual e íntimo. Para ela, a unicidade do indivíduo não está somente na mente e no corpo, mas também nos aspectos sutis da espiritualidade humana.

No conceito da Medicina Chinesa, Shen é o espírito vivo que mora no corpo e rege suas funções, permitindo que a vitalidade corporal se expresse, para que se possa experimentar a interação com o mundo e com nós mesmos. Shen é a mente. É o espírito. É a consciência, mas não só a consciência que reside na mente e sim a consciência que reside em cada pequena parte do nosso corpo. É a consciência de quem somos e de nossas potencialidades. É a energia viva, circulante, mas sutil, rarefeita. Shen é o princípio criador e organizador. É formado no momento do encontro do óvulo com o espermatozóide, quando as duas energias se fundem (Jing Chi do pai e da mãe) e um novo ser floresce no mundo. Uma nova consciência. A energia essencial, ou Jing dos pais, será a sua nova essência. Essa essência é a

base da vida de cada ser humano; é através dela que o feto se desenvolverá, unindo, portanto, corpo, mente e espírito.

O Shen é responsável pela concepção, a passagem do imaterial para o material (espírito imaterial para a matéria e corpo). Apesar de o Shen ser criado pela união energética dos pais, ele mantém um movimento que é seu, individual, e coordena sua própria concepção. Inicia-se nesse momento, mas vai se transformando ao longo da vida. A cada nova experiência, transforma-se, deixando de ser o que era e se tornando algo novo. Conecta o ser humano ao todo, ao coletivo e a si mesmo, através dos sentidos, e propicia a capacidade que temos de transformar a nossa realidade e a nossa vida. É ele que influencia a nossa forma corporal, a nossa personalidade, a capacidade de lidarmos com o meio e com as adversidades, o nosso caráter. Dá-nos a característica da individualidade. Não há um ser humano idêntico ao outro. Somos únicos. Nossa natureza intrínseca é viver com naturalidade, autenticidade e espontaneidade. É energia dinâmica que movimenta a energia vital do nosso todo e que se encontra na essência do nosso Coração. Ele é expresso através de nossas emoções. Usufruir de tudo o que a vida nos propicia é Shen, como por exemplo: ver o pôr do Sol, ouvir a melodia de uma sonata de Bach, desenvolver a percepção espiritual e a religiosidade. Para a Medicina Chinesa, Shen, no céu, é o obscuro; no homem, é o Tao; na terra, é o que atribui a forma, é o que faz com que as realizações se concretizem. Ele é o “insondável” do Yin e do Yang.

Segundo o Dr. Jean Marc Eyssalet, em seu livro *Dans L’Ocean dês Saveurs, L’Intention Du Corps*, Shen é:

- No tempo: O organizador de cada um de nossos instantes vividos e o detentor da duração do nosso tempo de vida;
- No espaço: O formador e transformador de todas as formas, da forma individual do nosso corpo e do nosso psiquismo, do como percebemos e testemunhamos as outras pessoas e as coisas do mundo.

Apesar dos chineses terem designado como sua morada o Coração, ele não está num lugar fixo, percorre todos os espaços do nosso corpo, da mesma forma que o sangue percorre os vasos. O Shen é muito mais do que um mero espírito do Coração, ele é o responsável por todos os aspectos: mental, espiritual e emocional de todos os órgãos do ser humano. Para os chineses, o Coração é o órgão que funciona como receptáculo para as funções ativas da consciência. Ele tem a

capacidade de se desmembrar em outras dimensões energéticas sem, no entanto, perder sua unidade. Todas elas pertencem a uma mesma estrutura psíquica e espiritual. Cada uma delas possui características que as definem e as identificam, mas continuam sendo Shen. Shen é o espírito, a mente, a consciência. Por tudo isso, ele é considerado não somente um espírito, mas sim vários, apesar de ser indivisível. “Ter os espíritos (de Shen) é o esplendor da vida. Perder os espíritos (Shi Hen) é a aniquilação” (HICKS; HICKS; MOLE, 2007, p.15, citam Su Wen, cap.13; Larre e Roht de La Vallée, 1995).

Ele é o nosso poder vital. Não pode ser simplesmente detectado e expresso pelos nossos sentidos, mas sim pelo nosso coração. Este deve estar límpido e aberto para que “os Shens” possam ser revelados. O Shen liga-se ao fogo, à claridade e faz a conexão com o alto. A idéia essencial de Shen é que ele é o próprio ser em sua plenitude. Ele é a existência da formação da vida humana. É sua essência. É nossa base.

Ele se subdivide em cinco dimensões energéticas ou cinco diferentes espíritos que interagem entre si e se responsabilizam por diferentes aspectos da constituição do ser humano. Cada um está ligado a um determinado órgão Yin.

Suas dimensões são:

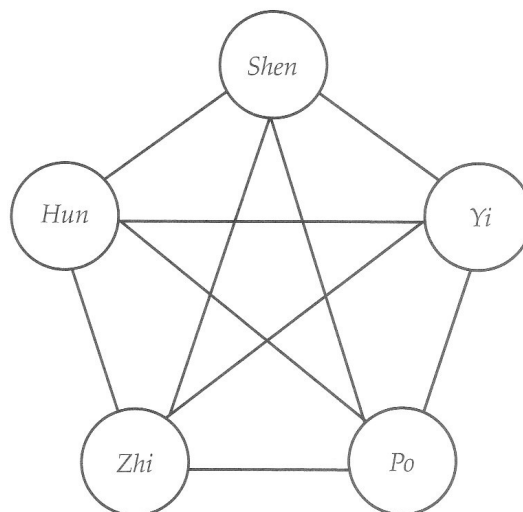


Figura 5 – Os cinco espíritos

- **Hun** ou alma etérea. É o espírito que vem habitar o nosso corpo no momento da concepção. É responsável pelo relacionamento do ser com

o mundo e pelo livre fluxo da energia. É a dimensão social do homem. Está ligado ao órgão Fígado. Permite ao ser humano a capacidade de ir e vir, de dentro para fora e de fora para dentro. Cabe a ele a responsabilidade de dar a conotação emocional às experiências físicas. Ele une o pensamento à intuição, ao inconsciente. Dá-nos o discernimento espiritual e a capacidade de realizar os nossos sonhos. Pode ser o que consideramos a alma do ser humano e perdurará após a nossa morte. É eterno;

- **Po** ou alma corporal. Está relacionado aos reflexos, aos sentidos, aos instintos e à nossa relação com o ar através da respiração. É o espírito responsável pela formação da individualidade do ser humano, da constituição do seu “Eu”. Liga-se ao órgão Pulmão. É a parte do espírito inseparável do corpo, responsável por todo o sistema motor, pela autopreservação da vida. É substância e estrutura e deixará de existir quando o corpo perecer finalmente;
- **Yi** ou direção do pensamento. É o responsável pela manifestação objetiva de nossos pensamentos e idéias no mundo. Proporciona a compreensão. É como nos reconhecemos a nós mesmos, nossa imagem corporal e nossas memórias corporais. Está relacionado ao órgão Baço. É responsável pela nossa capacidade de julgar, de abstrair, de memorizar. É o nosso arcabouço intuitivo, o aspecto mental que simboliza o centro do Shen;
- **Zhi** ou força de viver. Relaciona-se à nossa capacidade de realizar nossas aspirações, de dar sentido à nossa vida e de enraizar o nosso Shen. É a nossa capacidade de adaptação e transformação da realidade. Liga-se ao órgão Rim. É a vontade que não pode ser controlada, é o impulso e o que nos anima e nos faz seguir adiante, mesmo que não tenhamos a consciência, muitas vezes, disso.

O ser humano precisa desse todo para ser um inteiro. Uns não podem existir sem os outros. Todos se completam e se tornam o todo. Todos são um só.

A identidade tem muitas facetas; somos únicos, mas com uma característica pessoal que nos diferencia no universo de seres humanos. A identidade é o Shen. O todo e as partes; o fora e o dentro; a matéria e o imaterial; a essência, a sutileza e a concretude; a profundidade e a superfície. O lago é a nossa própria imagem



refletida, mostrando no seu sombreamento o mais suave e delicado do nosso ser ou o mais escondido no recôndito do nosso coração. Ela é afetada por nossas emoções e, por conseguinte, cada um dos nossos “espíritos” também o será, e as manifestações externa e interna denunciarão, ou melhor, revelarão como estamos.

A nossa identidade pode ser comparada a uma árvore, uma vez que cria suas raízes, desenvolve-se, tem momentos de estabilidade e instabilidade, de força e fragilidade, de florescimento e de transformação que pode perdurar por toda uma vida.

## 6 CAPÍTULO 5 - CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE

A construção da Identidade do Ser Humano inicia-se no momento da concepção, quando passam a ser desenvolvidas as características físicas. Serão os primeiros determinantes da identidade a ser construída.

Esse período inicial do desenvolvimento, fase embrionária, poderá ser considerado um princípio de relação em que o vínculo existente é a ligação umbilical e nutridora com a mãe. A criança vai tomando forma, crescendo, se fortalecendo para conseguir, no tempo adequado, sair do espaço de aconchego e proteção para o risco do desconhecido. O nascimento, como define o autor psicodramático Jacob Levi Moreno, é o primeiro ato espontâneo do indivíduo. Não há mais espaço para o desenvolvimento fetal, portanto, faz-se necessário produzir movimento, mesmo que seja compartilhado com a mãe. A mãe, segundo a teoria psicodramática, atua como um Ego auxiliar, e o feto como Protagonista. A atitude ativa é o primeiro indício no processo construtivo da identidade. O resultado desse processo é a conquista de um espaço, é a individualização. O mundo social é o que Moreno define como Matriz de Identidade; é o lugar onde a criança se insere e se estabelece a configuração social das relações do indivíduo desde o nascimento, o átomo social.

O momento do nascimento é um marco para a criança porque ela precisa fazer um movimento seu, individual, para vir ao mundo. É um marco para a família e para a sociedade; ambas terão que acolhê-la, cuidar dela, protegê-la e educá-la, respeitando a individualidade desse novo ser que ocupará um espaço na sociedade.

O processo de desenvolvimento, a partir desse momento, parece ganhar velocidade. No início só existe o "EU". Tudo à volta é sua extensão, faz parte de si e existe porque ela existe. Com o avançar da idade, as relações sociais vão se ampliando para além da figura da mãe. Surgem outras figuras como referências: pai, avós, avôs, tios, amigos da família, amigos da escola, professora, etc... Com cada um deles a criança irá estabelecer um tipo de relação que influenciará no processo construtivo da identidade. A qualidade dessas relações e do afeto nelas contido será um determinante bastante significativo para o fortalecimento dessa construção. Atributos como a imagem corporal, quem são os pais, onde mora, de onde vem são atributos formadores da identidade, o que individualiza.

Uma primeira marca de nossa identidade é o nome. Alguém nos nomeia, mas com o passar dos anos ele se torna incorporado, passa a ser a nossa representação, a nossa “marca”. “Nosso nome como se funde em nós. Pense em si mesmo com outro nome: há um sentimento de estranheza; não nos reconhecemos” (CIAMPA, 2007, p.131). O nome em si não é a identidade, mas sua representação simbólica. O nome nos revela ao mundo como diferentes e iguais. Na família, o prenome nos torna diferentes, mas o sobrenome nos identifica como pertencentes a um grupo determinado. Localiza-nos numa sociedade. Portanto, a identidade vai sendo permeada pela correlação entre o igual e o diferente.

Nos primeiros anos de vida esse grupo familiar ao qual pertencemos nos mostra as primeiras referências de relações, de afeto, de modelos de figuras parentais, de segurança emocional. Nele buscamos o arrimo para vencer os desafios e os medos. Nele desejamos o aconchego de um colo quente e afetuoso. Nele buscamos o continente para testar nossos limites e nos diferenciarmos. Nele queremos a aceitação, a partir das relações familiares, e começamos a ter uma imagem de nós e do mundo. “O homem isolado, só, é uma abstração, não existe” (ROJAS-BERMUDEZ, 1980, p.22).

A percepção que teremos de nós está intrinsecamente ligada à imagem que a família e a sociedade nos revelam, nos emitem. A identidade, a partir desse momento, passa a adotar outras formas de se expressar, de predicções, ou seja, formas expressas através de personagens que são definidas pelo seu papel, pela sua atividade.

Rojas-Bermudez (1980), através da Teoria Geral dos Papéis, nos aponta conceito semelhante quando diz que a partir da constituição inicial do nosso “EU” cria-se como que uma membrana protetora, o si mesmo, e então passamos a atuar a partir de papéis sociais que são prolongamentos desse “Eu” e que vão se constituir através de papéis complementares. (Ex: papel de filho, papel que o complementa: pai e vice-versa).

O “mesmo”, como limite psicológico da personalidade, tem uma função protetora e, neste sentido, está intimamente relacionado com os mecanismos de defesa. Ao nível físico, corresponde ao espaço pericorporal que cada indivíduo necessita para sentir-se à vontade. [...] A sensação de desagrado que se experimenta quando uma pessoa adentra “o terreno pessoal”, corresponde em nível psicológico ao momento em que o “papel”, ou podemos dizer personagem, de outro indivíduo se põe em contato com o

“si mesmo”, o que ocorre quando não se conta com um papel complementar para estabelecer um vínculo (ROJAS -BERMUDEZ, 1980, p.98).

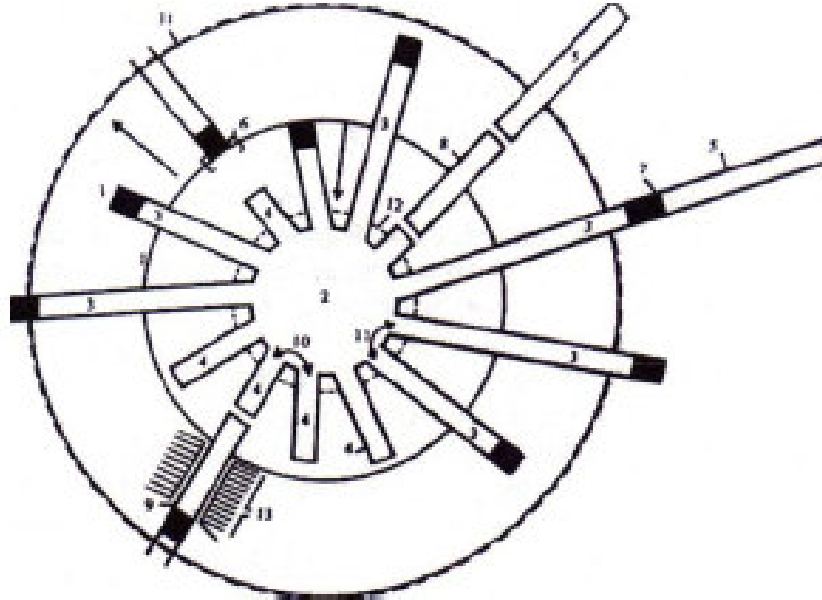


Figura 6 – Representação gráfica da concepção do Eu e dos papéis sociais e complementares

1. Limite do si mesmo. 2. Eu. 3. Papel. 4. Papel pouco desenvolvido. 5. Papel complementar. 6. Relação papel complementar – si mesmo. 7. Vínculo. 8. Objeto intermediário. 9. Pseudopapel. 10. Inter-relação de papéis. 11. Expansão do si mesmo em estados de alarme. 12. Contração do si mesmo em situações especiais de aquecimento. 13. Contexto que mantém o pseudopapel.

Esses papéis, ou como sugere CIAMPA (2007), personagens, só existem na medida em que existe um espaço para a sua atuação e um outro personagem que lhe dê significado. Muitos personagens que constituem nossa identidade acabam sendo definidos através de conceitos pré-determinados socialmente, com características estáticas. Se o personagem se define pelo seu predicado, ou seja, por sua atividade, podemos perceber que o indivíduo não é um ser isolado e sim um ser em relação. A identidade é um processo constante de transformação. O fazer e o ser fazem parte dessa construção, portanto, para ser há que pensar, ter consciência, criando uma unidade, o sujeito.

Ao estudar um ser humano, deve ficar claro que se está estudando uma formação material determinada. Ao estudar a identidade de alguém se estuda uma determinada formação material, na sua atividade, com sua consciência, não como coisas justapostas, mas presença de todas em cada uma delas, como uma unidade (CIAMPA, 2007, p.150).

Com essas afirmações, podemos compreender que o autor está definindo a identidade como algo objetivo no seu processo construtivo e não somente como algo que se realiza de forma subjetiva.

A construção da identidade é permeada pela estrutura social e pela história de vida do indivíduo. Todo ser humano tem uma história vivida e que irá determinando sua relação com o mundo e consigo mesmo.

Numa sociedade capitalista o sujeito não existe como centro dela. Ele é parte complementar; o sujeito principal é o capital. Essa sociedade define alguns dos personagens que compõem a identidade do homem, quer seja trabalhador ou capitalista. O homem não se constitui como verdadeiro sujeito, como essência, mas sim como representação.

Apresento-me como o representante de mim mesmo. Como me represento? Desempenhando papéis, assumindo papéis (decorrentes de minhas posições). Com isso, oculto outras partes de mim não contidas na minha identidade pressuposta e re-posta; caso contrário não sou o representante de mim (CIAMPA, 2007, p.176).

Quando o autor aponta a questão da representação, suscita uma questão fundamental para a reflexão sobre a extensão da ação cotidiana do trabalho profissional. Se buscarmos a transformação verdadeira da identidade, a metamorfose constante, temos que ultrapassar a representação como um papel definido e estático e acessar aspectos que navegam em nós em áreas mais profundas do nosso psiquismo (no subconsciente e no inconsciente). Temos que trazer à tona nossa espontaneidade, nossa criatividade. Temos que trazer à consciência, pois somente a partir dela poderemos entrar em contato com os demais “Eus” e nos transformarmos em sujeitos de fato, “em vida”. A constante transformação consciente nos leva à vivência do “si mesmo”, da nossa essência.

Através da citação do autor Stanislavsk (1983), em sua obra “A Construção da Personagem”, podemos perceber a dimensão da análise anterior. O autor fala de atores criadores:

que deixam um rastro de impressões maravilhosamente belas, estéticas, harmoniosas, delicadas, de formas inteiramente sustidas e perfeitamente acabadas. Isso é criatividade verdadeira, vem de dentro, de emoções humanas, não teatrais [...]. Aí não há lugar para raciocínios e análises. Não pode haver nenhuma dúvida quanto ao fato de que esta qualquer coisa inesperada ergueu-se do fundo manancial da natureza orgânica. O próprio

ator é avassalado e cativado por ela. É transportado a um ponto que ultrapassa a sua consciência (STANISLAVSK, 1983 apud CIAMPA, 2007, p.193).

Mesmo se reportando a atores de fato e não às personagens de nossa identidade, essa citação nos revela o quanto o desenvolvimento de cada um de nós necessita transpor os limites da própria representação e do esperado pela sociedade, mergulhando num processo interno e externo vivo, dinâmico e que nos leva a descobrir outros personagens e outros significados para a nossa vida e não meros modelos predefinidos e esperados com os quais, às vezes, nos acostumamos de tal forma que não vislumbramos possibilidade de mudança, de transformação.

Ao pensarmos a construção da identidade como um processo dinâmico entre o dentro e o fora, o inconsciente e o consciente, entre os inúmeros personagens que podemos construir, entendemos esse processo como algo concreto, que se revela no espaço real, mas que se metamorfoseia constantemente, a partir da ação do próprio homem, desde que lhe sejam possibilitadas as condições necessárias para isso. Se essas condições não se derem, não forem postas, corre-se o risco de uma cristalização da identidade em papéis estáticos, na mesmice das relações e na morte simbólica ou real da existência humana. A estrutura de uma sociedade em que o capital define o ser pode nos levar a esse perigo. A espontaneidade e a criatividade são incentivadas em algumas situações, mas de forma direcionada, a serviço do próprio desenvolvimento do capital, portanto tolhida na sua essência. O ato espontâneo deve estar a serviço da identidade do ser, levando-o a outros estágios de consciência, vivência e qualidade das relações. Enfim, da perspectiva de ser, existir enquanto espécime humano, ser social e indivíduo.

## 7 Capítulo 6: PERCEPÇÕES, REFLEXÕES E ANÁLISE

Este capítulo procurará desenvolver um processo de análise do conteúdo das entrevistas realizadas, através de trechos das mesmas, procurando identificar as transformações percebidas, ou não, pelos próprios adultos, no aspecto físico, mental e espiritual (consciência) após o início de seu tratamento com a acupuntura.

Esta análise será subsidiada nos conceitos teóricos contidos neste trabalho e em nossa própria experiência profissional.

Objetivando identificar a percepção que cada adulto tinha de si mesmo antes de buscar a acupuntura como forma de tratamento, solicitamos que se descrevesse e que explicitasse se percebera alguma transformação.

[...] Em 2008 estava num processo de trabalho com uma carga muito grande. Eu trabalhava na funerária. Tinha que lidar com a minha equipe de trabalho e com pessoas que eu nunca tinha visto na minha vida, que eram a família da pessoa que havia falecido e com o próprio falecido. [...] Então, toda essa carga emocional foi ficando pesada demais pra mim. Eu não dormia, não me alimentava, minha família foi deixada de lado. Praticamente eu não vi o crescimento da minha segunda filha, [...] não tinha descanso, não tinha nada. Daí começou tudo: enxaqueca, dores no corpo, estafa. Eu não tinha tolerância, eu não tinha mais nada.[...].

Nesse trecho da entrevista de M.E., feminina, 52 anos, pode-se destacar que a identidade assumida por ela era a da personagem “trabalhadora incansável”. Não pensava na sua vida além do trabalho, seu pensamento era praticamente um não pensar, sua existência só era sentida pelo trabalho. Era a escrava da vida que não era vida. Sua vida existia praticamente isolada das relações sociais e familiares. Era um viver quase sem sentido, portanto quase uma abstração.

Se analisarmos esse mesmo trecho à luz do conceito de espíritos da Medicina Chinesa, podemos entender que o equilíbrio do seu Shen, bem como o de suas outras dimensões, estava seriamente prejudicado, uma vez que M.E. se distanciava de si mesma. Seu espírito Hun (alma etérea) perdeu seu equilíbrio, sua mente ficou obscurecida por um pensamento estático que impedia o livre fluxo da energia, turvava seus sentidos, esgotando seu Jing e passando a afetar sua energia espiritual Po (alma corpórea).

[...] A alopatia pra mim era um coisa muito longe. Eu sempre achei uma coisa muito agressiva, dependendo da medicação que você toma. O que eles iam me dar? Uma coisa para eu dormir, para me sossegar, para me dar uma parada. Eu não queria isso. Queria continuar viva, lidando com tudo isso, mas “Viva”.

Nesse trecho pode-se identificar um início de consciência em relação ao que estava se tornando sua vida. Inicia-se um processo de transformação no seu pensamento. Quer estar viva mentalmente e sentir. Atua através do seu espírito Zhi (força de viver) e busca seguir adiante.

[...] Comecei a acupuntura nesse ano, 2008. [...] Fui indo e fui buscando e fui sentindo que as coisas foram realmente melhorando. O físico foi melhorando, o emocional foi melhorando e aí eu comecei a conseguir me controlar, a dizer não, na medida certa, aprendendo a delegar, que era meu problema. Então fui aprendendo a me soltar, a acreditar nas pessoas, não achar que eu era a única, eu tinha uma equipe e tinha que confiar. [...] Comecei a ter um pouco mais de paciência. Fui vendo a minha família, fui descobrindo-os novamente. Consegui estar mais junto. Então, tudo isso me ajudou e ajuda até hoje. Qualquer coisa que eu tenha é a acupuntura que me alivia. [...] A aplicação das agulhas e muita terapia de conversa dos profissionais que estavam comigo me ajudou muito. [...] A acupuntura, além da busca de um alívio para as dores físicas, dá algo que te mostra aquilo que você está fazendo de errado no seu âmbito emocional, espiritual mesmo..., é uma reeducação.

Como a construção da identidade é um processo dinâmico e a energia também, M.E. nos mostra a sua trajetória de transformação ao aprender a ser outra. “Como que sai de si e torna-se outra, exterioriza-se na realidade. O subjetivo torna-se objetivo, e a recíproca também. Aprender e ser, então, é o mesmo” (CIAMPA, 2007, p.145). Com o tratamento terapêutico da acupuntura e dos profissionais que a atendiam, deixa de ser a “trabalhadora incansável”, a “escrava de si mesma” e busca um novo personagem. Vai tomando consciência de sua existência e deixa de ser predicado (atividade) para transformar-se em verbo (ação).

[...] Sou uma pessoa diferente, sou muito mais tranquila. [...] Eu acredito naquilo que estou buscando, a cabeça é tudo. A acupuntura é uma alternativa. [...] Para mim é uma maravilha. Fiquei com equilíbrio emocional. E eu consegui tudo isso.

No trecho acima ocorre a consciência plena de sua transformação. “Sou uma pessoa diferente”. A identidade-metamorfose, porque tem a possibilidade de se



transformar, de buscar novas formas de ser, assumir novos personagens. “Morrer e Viver” é vida, é ser matéria e imaterial. É ser corpo/mente e espírito. É realizar com a ajuda de uma prática milenar, a acupuntura, com a intenção do profissional que a pratica e a do próprio paciente uma viagem ao seu interior, às camadas mais profundas do seu ser e emergir diferente, mais forte, mais equilibrado.

[...] Procurei a acupuntura, nada que partiu de mim. Como minha esposa estava fazendo o curso e me falava sempre das coisas boas que se conseguia através de um tratamento de acupuntura, resolvi experimentar, e, nesse um ano e meio, eu senti muita coisa interessante, muita evolução em algumas coisas. [...] O fato é que me dá um bem estar o tratamento [...], não largo por conta disso, não porque eu tenha ido atrás do tratamento ou porque estava me sentindo com algum problema, precisando resolver algum problema, nada disso.

Na sua apresentação, A.P.F., masculino, 43 anos, demonstra que se encontra num estágio de passividade: “nada que partiu de mim”. É como se estivesse sendo levado e não assumindo sua ação. Percebe um bem estar, mas não se liga às emoções. Mantém um distanciamento de si e, portanto, de sua identidade. Nega a necessidade de mudança, mas, ainda assim, mantém o movimento, mesmo colocando-o praticamente fora da sua vontade.

[...] Por alguns momentos você limpa da tua cabeça os problemas e sai zerado de lá; realmente é essa sensação de bem estar que eu tenho. [...] Se eu estivesse num processo de tratamento há três ou quatro anos, eu talvez pudesse perceber uma mudança grande do que eu era e do que eu passei a ser. Talvez não seja tempo suficiente pra uma mudança radical. [...] Talvez você perceba a diferença na hora em que você parar. [...] Talvez não uma mudança de comportamento, mas um bem estar. Você enxerga o problema menor do que parecia anteriormente, mas é uma coisa gradativa; às vezes, quase que imperceptível.

Na exposição acima, coloca-se fora. Não se percebe como sujeito de sua transformação. A condição para ela ocorrer está fora, não dentro de si. Sua capacidade de promover a ação de ida para dentro e para fora e de dar significado as suas experiências ou sensações físicas encontra-se em desequilíbrio. Seu espírito Hun está fragilizado. Apesar dessa passividade como sujeito, aponta o benefício que o tratamento com a acupuntura vem lhe fazendo e demonstra essa importância no seu processo quando menciona: “ Se fosse uma consulta dentária, eu dava um jeito de desmarcar, mas a acupuntura eu não deixo de ir”.

Quando a pessoa cria um movimento, mesmo que não percebido por ela como significativo, cria uma transformação, pois se transformar é algo inevitável para o ser humano, mesmo para aqueles que evitam a evidência de determinadas mudanças e acreditam que continuam a ser uma espécie de cópia do que não são mais ou do que foram. “[...] é o trabalho da re-posição que sustenta a mesmice” (CIAMPA, 2008, p.165). É uma identidade que precisa ser permanentemente repostada até que encontre um caminho. Mantém a energia fragilizada e estagnada e os seus espíritos (Shen, Po, Hun, Zhi e Yi ) em constante desequilíbrio.

[...] No meu jeito de ser, eu acho que mudei muito sim, não posso só creditar na acupuntura, porque estou fazendo um monte de coisas. Freqüento a Seara (instituição espírita), comecei a fazer Reiki, academia.

Nesse trecho da entrevista, R.P.F., masculino, 41 anos, aponta a consciência de sua transformação. A ajuda vem de fora, mas o movimento é interno, seu.

[...] Na sessão de acupuntura, ela fala que quando ela pega o meu pulso é uma coisa que está vendo e outra que está sentindo, porque estou sempre brincando, rindo, mas estou quase tendo um enfarte.

Há a dualidade presente do externo com o interno. Como a pessoa se apresenta, em contraposição com a apresentação de sua energia interna. É um e outro, ambos num só.

[...] Procurei a acupuntura para estabilizar um pouco o meu problema de pressão arterial. [...] Descobri que ela trata outras doenças e distúrbios mesmo. [...] Em relação à pressão, felizmente, ela já está estabilizada, muito por causa da acupuntura, as dores nas costas também ajudou, mas o meu problema é mais crônico. [...] Você sente que o organismo começa a limpar, a trabalhar alguns órgãos. Percebi uma coisa muito interessante, que ela trabalha também, percebi isso em uma ou duas sessões, a parte emocional.

V., masculino, 40 anos, nos apresenta a sua busca pela mudança, mesmo que na dimensão corporal, e acaba se surpreendendo com os efeitos para além desta. Efeito na dimensão das emoções.

[...] Estou trabalhando tantas coisas que acho que podem me auxiliar ao mesmo tempo e que causaram uma profunda modificação na minha forma de lidar com as pessoas. A acupuntura, com certeza, é uma das coisas que me ajudaram. [...] Se fizer uma comparação, eu posso dizer que o que eu mais gosto de ir é na acupuntura. Você vai sentindo uma energia, uma tranquilidade.

Apesar de V. estar num processo de transformação de sua identidade, ainda a responsabilidade da ação de transformação está mais no exterior (meio) do que dentro de si. Amplia sua percepção do instrumento terapêutico que está sendo mais significativo para si, a partir da dimensão energética de seu organismo.

[...] A procura pela acupuntura e outras terapias alternativas se deram por dois motivos: ter ficado numa situação de estagnação por muito tempo, num relacionamento longo e as coisas não acontecerem. Hoje, o relacionamento acabou, faz dois anos, e nesse relacionamento eram coisas que eu tinha como missão. [...] Insisti muito tempo numa coisa que não acontecia, prestar anos de concurso público e ver que o tempo estava passando e os meus projetos, meus sonhos, meus objetivos de vida não estavam se concretizando. É uma fantasia, um ideal, mas que no âmbito de relacionamento e profissional você vê que isso desmorona. Tudo isso aliado a um despertar, que é a consciência de que alguma coisa estava errada, estava estagnada, mas sem saber como sair dessa situação, como fazer isso se modificar. [...] E aí veio, já há um tempo, esse despertar da espiritualidade que eu chamo [...] sentindo necessidade de cuidar um pouco disso, e uma hora veio mesmo uma necessidade, sob pena de entrar duas vezes em depressão. [...] Tinha que mexer nesse lado espiritual, para que os outros segmentos da vida andassem também: o afetivo, o profissional, o financeiro. [...] Então, foi um despertar mesmo para a necessidade dessa espiritualidade, aliada a uma condição de vida que não estava legal, foi o que fez eclodir. [...] Apesar de ser uma transformação paulatina, degrau por degrau, aos poucos ela vem, a transformação vem.

Nessa etapa da entrevista, V. nos mostra a explosão da consciência de que sua vida não era vida. Era quase “morte”, da mente e do espírito. Era quase o aniquilamento do espírito Zhi (força de viver, sentido da vida). Mostra-nos a capacidade de perceber o processo de transformação interno e de voltar a conectar-se consigo mesmo, transformar a realidade. Deixar de ser o que era e ser algo novo. Deixar a identidade pressuposta e caminhar para a metamorfose. Tornar-se outro, passar pelo processo de morte-e-vida. Aponta a busca pelo espírito vivo que mora no corpo, Shen.

[...] Para a pessoa ter uma mudança, aquela que fica sedimentada, tem que mudar uma série de comportamentos. A acupuntura, com certeza, é uma ferramenta para isso.

## 8 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Quando cruzamos os conceitos de espíritos da Filosofia e Medicina Chinesa e o conceito de identidade da Psicologia Ocidental, compreendemos que ambos são praticamente um só.

Os cinco espíritos Shen, Po, Hun, Yi e Zhi seriam a base energética de nossa identidade, tendo dimensões de energias mais rarefeitas e energias que se transformam em expressões mais concretas. Eles dariam a base para o nosso desenvolvimento enquanto seres humanos em relação com o meio ambiente.

O conceito de identidade, no qual estamos nos pautando para este trabalho, concebe a mesma como sendo um processo dinâmico, “uma determinada formação material, na sua atividade, com sua consciência” (CIAMPA, 2007, p.151), não como coisas que se justapõem, mas que se completam formando o ser sujeito.

Avaliando esses dois conceitos, percebemos que o primeiro dá a base dinâmica para que a identidade possa ser construída de forma concreta e também de forma simbólica. Cada uma das dimensões de cada espírito se concretizará através das histórias de vida construídas pelas pessoas e se exteriorizará através de seus feitos.

A identidade do ser humano começa a existir no exato momento da concepção, ou seja, começa a existir o espírito Shen, que é o princípio criador e organizador, é a energia viva, uma nova consciência, uma nova essência. A partir desse momento, inicia-se o processo de desenvolvimento do feto, ou melhor, de um novo ser em toda sua plenitude: corpo/mente e espírito. Passa de um encontro entre óvulo e espermatozóide para se transformar em alguém com individualidade, com movimento próprio e que se desenvolverá, permanentemente, ao longo de sua vida e de sua história diante de um mundo social.

Portanto, não podemos entender o ser humano simplesmente como alguém que existe de forma estática, mas sim como alguém que deve se tornar verbo, ação, consciência, metamorfose. Alguém que deve mergulhar no seu interior e no seu exterior, nas profundezas do psiquismo, para poder se desenvolver e viver plenamente, buscando ou conseguindo o equilíbrio entre as várias energias que compõem o seu ser e deixando, assim, de ser apenas a representação de um papel

ou personagem definido e estático, sendo sujeito de fato e se transformando em “vida”.

A partir desse entendimento e dessa visão de identidade é que buscamos neste trabalho apreender como a prática da acupuntura interfere e tem efetividade no processo de sua construção.

Para avaliarmos essa questão, utilizamo-nos de uma pequena amostragem de adultos (homens e mulheres) com idades compreendidas entre 40 e 55 anos para as entrevistas, considerando que, em números absolutos, pode parecer pouco significativo, mas em números relativos demonstrou ser suficiente para subsidiar nossas conclusões.

Pudemos compreender e apreender, através do contato e das entrevistas com essas pessoas, que o processo de construção da identidade não se dá totalmente de forma consciente. A “consciência”, ou podemos dizer, sua percepção, está muito mais ligada à parte corporal do que de fato ao processo interno de desenvolvimento de suas estruturas mentais/espirituais. Em geral, sua “consciência” atua no reconhecimento e sensação da dor, mas sem perceber a causa, ou que ela é apenas um sintoma de um desequilíbrio mais profundo do seu “Eu”. Ao mesmo tempo, pudemos notar que algumas delas estão adquirindo a consciência desse processo de transformação sem, no entanto, identificarem-no como uma transformação de sua identidade.

Quando analisamos os conteúdos das entrevistas à luz das teorias e conceitos postos neste trabalho e da efetividade da ação da acupuntura como instrumento terapêutico que objetiva a busca do equilíbrio energético, em todas as dimensões do ser, e a busca de consciência no processo de construção da identidade, podemos perceber e até arriscar a dizer de forma mais enfática que ela é um instrumento magnífico para que o indivíduo vivencie sensações e transformações concretas que poderão levá-lo a adquirir consciência de si mesmo e de seus desequilíbrios e a iniciar ou acelerar um processo de metamorfose que o levará a ser, de fato, sujeito, ação metamorfose, vida.

Outra consideração que entendemos ser extremamente importante pontuarmos é a necessidade de que o profissional que realiza a prática da acupuntura, quer seja num ambulatório, quer seja em um consultório particular, tenha essa percepção do processo de unicidade do ser enquanto psiquismo/espírito/consciência/fragilidades e fortalezas, sejam físicas ou emocionais,

e da necessidade de criação de um vínculo afetivo com seu paciente. Essa visão, aliada a sua própria busca de desenvolvimento enquanto pessoa, e o desejo de realmente criar condições para que a pessoa possa optar pela sua transformação farão da acupuntura um instrumento transformador da qualidade de vida e do seu estágio de consciência e não só um mero instrumento terapêutico de aliviar ou eliminar as dores do corpo.

## REFERÊNCIAS

CIAMPA, A.C. **A Estória do Severino e a História da Severina** (Um Ensaio de Psicologia Social). São Paulo: Brasiliense, 2007.

CAMPIGLIA, H. **Psique e Medicina Tradicional Chinesa**. 2 ed. São Paulo: Roca, 2010.

HICKS, A.; HICKS, J.; MOLE, P. **Acupuntura Constitucional dos Cinco Elementos**. São Paulo: Roca, 2007.

MACIOCIA, G. **Os Fundamentos da Medicina Chinesa: um texto abrangente para acupunturistas e fitoterapeutas**. 2 ed. São Paulo: Roca, 2007.

ROJAS, B.J. **Introdução ao Psicodrama**. São Paulo: Mestre Jou, 1980.

WANG, B. (Dinastia Jang) **Princípios de Medicina Interna do Imperador Amarelo**. Tradução José Ricardo Amaral de Souza Cruz. Revisor técnico Olivier-Michel Niepeeron. São Paulo: Ícone, 2001.